



**TENENTE - CORONEL
ADELMO**
Adjunto da 3ª Seção/CMN, Et Al.

A EQUIPE BRASILEIRA DE ESPECIALISTAS EM OPERAÇÕES NA SELVA NA MONUSCO

O fogo tático é uma excelente ferramenta à disposição dos comandantes de fração no curso das missões reais. Assim, o seu emprego de maneira eficiente, além de permitir o cumprimento da missão, reduz as baixas e as possibilidades de ocorrer fratricídio. No ambiente de selva, o assunto ganha maior relevância, uma vez que a visibilidade se torna mais restrita e as distâncias de combate são encurtadas, crescendo de importância o domínio desse assunto.

Uma equipe móvel de treinamento brasileira, composta por 13 militares especialistas em guerra na selva, trabalha, desde 23 de junho de 2019, na capacitação das tropas militares desdobradas na República Democrática do Congo (RDC). Essa capacitação ocorre sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU) junto à Missão das Nações Unidas para Estabilização da RDC (*MONUSCO*, na sigla em francês) e engloba as tropas da Brigada de Intervenção da Força - *Force Intervention Brigade (FIB)*, na sigla em inglês) e das Forças Armadas da República Democrática do Congo (FARDC).

Tal iniciativa é consequência da identificação, em um passado recente, da imperiosa necessidade de incrementar o treinamento das tropas militares desdobradas na RDC para seu emprego em operações em ambiente de selva, posto que diversos grupos armados da região atuam no interior das florestas ou a partir delas. A fim de se viabilizar o desdobramento dessa equipe na área de operações da *MONUSCO*,

tratativas foram iniciadas no final do ano de 2018, entre os diversos atores interessados na neutralização desses grupos armados, culminando com o desdobramento, em junho de 2019, da equipe móvel na RDC, intitulada de *Jungle Warfare Mobile Training Team (JWMTT)*, na sigla em inglês), cuja principal missão é cooperar com a capacitação dos batalhões da *FIB* e do Exército congolês, no que tange ao planejamento e à execução de operações na selva.

A *expertise* brasileira, adquirida em mais de 50 anos formando guerreiros de selva em seu Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), aliada às características da floresta congolosa, particularmente na zona de ação da *FIB*, como alta taxa de umidade, temperaturas elevadas, elevado índice pluviométrico e vegetação densa, entre outras, bastante similares à floresta amazônica brasileira, foram os principais fatores motivadores para a escolha da equipe brasileira pela ONU.

O programa de capacitação das tropas da *FIB* é baseado no princípio de *training of trainers (TOT)*. Isso significa que os oficiais e os sargentos, comandantes de frações, são os responsáveis por transmitir os conhecimentos adquiridos para as suas respectivas tropas. Já a capacitação das tropas do exército local, integrante das FARDC, está sendo mais abrangente, ocorrendo por frações constituídas até o nível companhia. Essa qualificação foi autorizada pela *MONUSCO* como parte do apoio à estabilização e ao fortalecimento das instituições do Estado congolês, constante do mandato da missão.

Assim, no dia 18 de outubro de 2019, foram iniciados os trabalhos junto às tropas das FARDC com o propósito de capacitá-las para seu emprego nas operações ofensivas conduzidas pelo país contra os grupos armados ilegais no interior da selva congolosa.

Cabe ainda destacar que, normalmente, o programa de capacitação conduzido no CIGS tem a duração aproximada de 12 semanas, sendo dividido em três fases distintas: vida na selva, técnicas especiais e operações na selva. Porém, visando atender à missão da *FIB*, regulada pela Resolução do Conselho de Segurança das

MÓDULO	TEMPOS DE INSTRUÇÃO: 1 HORA
Estado-Maior da Brigada (EM Bda)	12 horas
Estado-Maior de Batalhão (EM Btl)	12 horas
Comandantes de frações (companhia, pelotão e grupo)	2 semanas
Tropas (frações constituídas)	2 semanas
Específico: instruções constantes do programa de capacitação, porém conduzidas de forma singular, mediante demanda específica.	Determinado de acordo com a demanda apresentada

Quadro 1 – Módulos e tempos de instrução.

Nações Unidas nº 463, de 29 de março de 2019, particularmente, no que tange à neutralização dos grupos armados, foi criado um programa *ad hoc* de quatro semanas de duração. Nesse contexto, dentre as principais instruções ministradas, destaca-se o fogo tático em ambiente de selva, que será o objeto de trabalho do presente artigo.

JUNGLE WARFARE MOBILE TRAINING TEAM - JWMTT

O programa de treinamento da JWMTT para as tropas na MONUSCO está fundamentado no emprego das táticas, técnicas e procedimentos (TTP) mais atualizados no tocante às operações na selva, o qual visa adaptar os conhecimentos do combate convencional, executados pelas tropas da FIB, para o ambiente de selva, típico da região nordeste da RDC.

Assim, visando a abrangência dentro dos diferentes escalões da brigada, optou-se pela divisão do programa em módulos, com as respectivas cargas horárias, de forma a contemplar os diferentes públicos-alvo da FIB: estado-maior da brigada, estado-maior dos batalhões e as frações propriamente ditas. Esse mesmo programa também está sendo utilizado no treinamento da FARDC.

Em relação à metodologia utilizada nas instruções, foram empregadas diversas técnicas de ensino, como palestra, demonstração, interrogatório, exercício individual e a técnica coletiva do exercício militar, com o foco máximo no treinamento prático e repetitivo, com a finalidade de obter resultados efetivos junto às tropas treinadas.

Quanto ao emprego tático do fogo, três instruções foram elencadas como sendo

essenciais: reação ao contato, pedido de apoio de fogo e apoio aéreo aproximado. Cabe ressaltar que o emprego tático do fogo em ambiente de selva é bastante prejudicado, tanto em função da limitação de observação vertical e horizontal quanto em função da restrição dos campos de tiro no interior da selva. Por esse motivo, deve-se priorizar a adequada capacitação na matéria como forma de minimizar as restrições e as limitações decorrentes do ambiente de selva. Assim, as instruções foram planejadas e executadas com o objetivo de apresentar uma solução adequada a essas limitações, de modo a obter o máximo de rendimento e eficiência das tropas instruídas pela JWMTT.

No tocante à carga horária, a instrução de reação ao contato teve quatro horas de duração para o módulo comandantes e 16 horas para o módulo tropas. De igual maneira, a instrução de pedido de apoio de fogo teve a duração de duas horas, tanto para o módulo comandantes quanto para o módulo tropas. Já a instrução de apoio aéreo aproximado foi direcionada aos oficiais e aos sargentos, módulo comandantes, com duas horas de duração.

REAÇÃO AO CONTATO

Inicialmente, cabe ressaltar alguns aspectos fundamentais do uso tático do fogo em qualquer ambiente, particularmente, no que se refere ao tiro individual.

O tiro é uma atividade fundamental para que o militar possa prover a sua própria segurança e a dos demais integrantes da sua fração, frente a uma situação de perigo produzida pelo inimigo. Para isso, é essencial o domínio dos principais aspectos relativo ao tiro, como fundamentos e posições de tiro, acompanhados do adestramento, a fim de

neutralizar a ameaça com rapidez e eficiência.

O ambiente característico da área de operações da *FIB* é o ambiente de selva, que restringe bastante a observação aérea e terrestre. Devido à intensa cobertura vegetal, a observação aérea é praticamente nula. Já a terrestre fica restrita a uma distância aproximada de 20 metros e aos túneis de tiros proporcionados pela disposição das árvores, o que impõe a necessidade de maior coordenação entre os militares, como forma de obter a eficiência do tiro com total segurança da tropa.

Além das dificuldades naturais impostas pela selva, o nordeste da RDC é uma área com elevado grau de perigo em virtude da atuação de vários grupos armados que visam, além da população local, o pessoal da *MONUSCO* e as *FARDC*. Tais grupos utilizam de ações criminosas, como o controle ilegal da exploração de recursos minerais, sequestros e pilhagem, para se financiar.

Há relatos de ataques de diferentes grupos armados contra as tropas da *FARDC* e da *MONUSCO* em várias localidades na região de Beni-Eringeti. Dentre esses grupos, destaca-se a *Allied Democratic Forces (ADF)*, na sigla em inglês) com TTP de guerrilha.

A *ADF* está infiltrada na selva do Nord-Kivu há 20 anos, tendo profundo conhecimento dos aspectos fisiográficos e topotáticos da região. Possui ainda *expertise* em técnicas de emboscada na selva em múltiplas direções, além do seu *modus operandi* caracterizado pelo recrutamento forçado de homens, jovens e de crianças, os quais são adestrados em campos de treinamento localizados no interior da selva.

No passado recente, as tropas na *MONUSCO* tiveram baixas significativas em confronto com esses grupos armados, decorrentes das emboscadas e dos ataques realizados na selva. Com base nesses ocorridos, procurou-se intensificar os treinamentos de reação ao contato com o inimigo e técnicas de ação imediata (TAI) com o objetivo de diminuir as baixas entre as tropas da *MONUSCO* e das *FARDC*. Por essa razão, a *JWMTT* deu ênfase à capacitação de reação ao contato com o inimigo e às TAI,

incluindo-as no programa de treinamento.

Em função disso, as instruções de tiro são ministradas em três etapas. A primeira engloba uma parte teórica, na qual o foco é o conhecimento sobre os fundamentos do tiro, as posições de tiro e das TTP ofensivas/defensivas quando em contato com o inimigo em um ambiente de selva. Na etapa seguinte, o cerne é o treinamento em seco e o ensaio repetitivo e exaustivo. Por fim, é conduzido o exercício de tiro real, no qual são realizados diversos módulos de tiro e procura-se executar as TTP frente às situações que podem ocorrer durante o contato com o inimigo no interior da selva.

Dentre as TTP treinadas, merece destaque a identificação positiva da ameaça, por se



Fig 1 - Instrução de reação ao contato com o inimigo.

tratar de requisito básico para se contrapor. Uma vez identificada a ameaça, deve-se buscar a sua neutralização por meio do emprego tático do fogo individual/coletivo, a fim de preservar a integridade física do indivíduo ou da fração que está em contato com essa ameaça.

Dessa forma, o treinamento de tiro conduzido pela equipe brasileira especializada em operações na selva para as tropas na RDC, baseia-se na execução de exercícios de tiro em cenários simulados, onde é exigida a solução de panes do armamento sob fogo inimigo, troca de carregadores, conferência do carregamento da arma, ocupação correta de abrigos, saque do armamento *backup*,

verificação da área de responsabilidade, entre outros. Tais procedimentos contribuem diretamente para o incremento da eficiência do uso tático do fogo pelas tropas da *MONUSCO* e das FARDC.

PEDIDO DE APOIO DE FOGO

A instrução de pedido de apoio de fogo para militares de qualquer arma ou especialidade, visa transmitir os procedimentos mínimos para a condução eficiente e segura dos fogos indiretos.

Como é de conhecimento, o ambiente operacional da *FIB* é caracterizado por ser uma região com forte atuação de grupos armados que, homiziados no interior das florestas, atuam contra as tropas militares empregando armamentos de tiro tenso, como fuzis, metralhadoras, lançadores de foguete e armamentos de tiro curvo, como morteiros.

A *FIB*, por sua vocação ofensiva, possui meios de apoio de fogo orgânicos com capacidade de realizar fogos indiretos em ambiente de selva, como morteiros leves, médios e pesados. O emprego tático de tais fogos visa apoiar a progressão das tropas da *FIB* durante as operações ofensivas, buscando degradar o poder de combate dos grupos armados engajados nessas operações.

Destaca-se que a condução de fogos indiretos no ambiente de selva é dificultada pela própria vegetação que caracteriza esse ambiente operacional, limitando a observação do tiro de forma direta. Logo, para amenizar essa restrição, pode-se utilizar meios alternativos de observação do tiro, como a copa das árvores, plataformas aéreas e drones, visando a correção do tiro na busca da sua máxima eficácia.

Assim, considerando-se o ambiente operacional, as capacidades dos grupos armados e da *FIB*, bem como as regras de engajamento da *MONUSCO*, foram planejadas instruções voltadas à capacitação das tropas desdobradas na área de operações da *FIB* em conformidade com o mandato da missão.

Para fins de padronização, buscou-se utilizar os procedimentos de condução de fogos indiretos empregados pela



Fig 2 - Instrução de pedido de apoio de fogo.

Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) – *call for fire* – por ser uma ferramenta consolidada em ambiente multinacional. Faz-se necessário salientar que durante as instruções observou-se que os batalhões adaptaram os procedimentos da OTAN às suas doutrinas, o que contribuiu para a consecução dos objetivos estipulados pela equipe de instrução, quanto ao emprego oportuno dos meios orgânicos de apoio de fogo das tropas desdobradas na *MONUSCO*.

A parte teórica da instrução compreende os procedimentos de solicitação de apoio de fogo e de observação dos fogos. Já a parte prática engloba a utilização do binóculo, da bússola e do memento *call for fire* para a condução de tiro indireto, praticando, de uma forma eficiente, o emprego do fogo tático em ambiente de selva.

Desse modo, reconhecida a relevância tática desses meios de apoio de fogo para as operações na selva, resta evidenciada a importância da habilitação de militares de qualquer arma ou especialidade na condução dos trabalhos de tiro, como forma de potencializar o emprego tático dos fogos indiretos em proveito das operações militares conduzidas no ambiente de selva.

APOIO AÉREO APROXIMADO

As missões de apoio aéreo aproximado, *close air support* (CAS), envolvem o planejamento e a coordenação detalhada entre os diversos meios de apoio de fogo,

terrestres e aéreos, disponíveis, exigindo dessa maneira uma perfeita integração entre as tropas apoiadas e as tripulações das aeronaves de asa fixa ou rotativa, como é o caso das tropas da *FIB* e dos helicópteros de ataque baseados em Beni/RDC, a aeronave MI-24, de fabricação russa, e em Goma/RDC, a aeronave *Rooivalk*, de fabricação sul-africana.

Embora realizem missões muito semelhantes, principalmente de escolta armada, demonstração de força, reconhecimento armado, ataque aéreo e apoio aéreo aproximado, esses helicópteros possuem características estruturais e de armamento distintas entre si.

A aeronave MI-24 é dotada de canhão fixo duplo de 30mm em sua lateral direita, com capacidade para até 250 tiros e lançadores de foguetes sob as asas no *External Stores Support System (ESSS)*, com capacidade para até 40 foguetes de 80mm. Contudo, possui limitações para operações noturnas na área da *MONUSCO* e necessita realizar maior quantidade de manobras para atacar o objetivo, uma vez que o canhão fixo exige o posicionamento da aeronave de frente para o alvo, a fim de realizar o ataque sobre ele ou para corrigir a posição, a partir do guiamento terminal.

Diferentemente, o *Rooivalk* possui um canhão giratório frontal de 20mm com capacidade para até 230 munições e 38 foguetes de 70mm sob o *ESSS*. Além disso, esse helicóptero é equipado com sistema *Head Mounted Display System (HMDS)*. Assim, o giro do canhão torna-se solidário ao movimento de cabeça do piloto, permitindo que a aeronave tenha maior capacidade de realizar ataques consecutivos a determinados objetivos ou corrigir a posição do seu armamento durante o guiamento terminal. Essa aeronave ainda tem a capacidade de executar voos noturnos em proveito das tropas na *MONUSCO*.

Por se tratar de um meio de apoio de fogo nobre, a sua premissa de emprego tem como

base o fato de que a sua solicitação deverá ocorrer nas situações em que os meios de apoio de fogo orgânicos dos batalhões não forem eficazes para contribuir na redução do poder de combate do inimigo.

Considerando as limitações táticas desses meios de apoio de fogo, como alcance útil da munição e a dificuldade de observação da trajetória do tiro para fins da sua correção, aliada a elevada letalidade dos meios aéreos de apoio de fogo, conclui-se que o conhecimento sobre o emprego tático e as capacidades desse vetor são de elevada relevância para as operações militares, particularmente as realizadas em ambiente de selva.

Devido à quantidade e à complexidade dos meios empregados nessa atividade, bem como às diferenças linguísticas entre as tripulações das aeronaves e as tropas de solo, a instrução visou estabelecer uma proposta de procedimentos operacionais padrão, *standard operating procedures (SOP)*, de modo a atender as demandas desses atores, facilitar a comunicação entre esses elementos e o estabelecimento de padrões de localização e de sinalização das tropas apoiadas, contribuindo para a preservação da integridade física das tropas de solo ao reduzir a probabilidade de ocorrência de fratricídio.

Em condições normais, o responsável por solicitar um apoio aéreo aproximado é o guia aéreo avançado (GAA) ou um controlador aéreo avançado (CAA). Entretanto, quando esses militares não estiverem presentes, o comandante das tropas de solo poderá requisitar suporte aéreo, assumindo a responsabilidade de interagir com as tripulações, de forma a mitigar os riscos de ocorrência de danos colaterais para as tropas de solo, ao mesmo tempo em que auxiliará, de forma decisiva, a tripulação da aeronave empregada na obtenção da máxima eficiência do fogo disponibilizado por esse vetor aéreo.

Em razão disso, foi empregada, nas instruções, uma ferramenta de fácil utilização pelas tropas não-especializadas em GAA e/ou CAA, optando-se por utilizar os Padrões de



Fig 3 - Instrução de apoio aéreo aproximado.

Solicitação de Apoio Aéreo Aproximado de Emergência, da OTAN, como meio mais hábil para atingir o objetivo de permitir que um militar não-especializado realize um pedido de apoio aéreo aproximado, potencializando a capacidade de emprego tático desse meio em apoio às operações ofensivas em ambiente de selva, desencadeadas pelas tropas na *MONUSCO*.

Foram, ainda, considerados os fatores críticos para a execução ágil do *ECAS* na área de operações da *FIB*, quais sejam:

- a dificuldade de aquisição dos alvos, devido à densa vegetação das florestas;
- a dificuldade de identificação das tropas amigas no interior da selva;
- os problemas de comunicação motivados pela presença de tropas e tripulações que não possuem o inglês como língua materna; e
- as dificuldades de navegação comum para ambiente de selva.

Nesse sentido, as instruções foram inicialmente baseadas em manuais brasileiros, sendo posteriormente adaptadas para as peculiaridades da região e para as particularidades da missão e, posteriormente, complementadas com as observações produzidas em encontros de interação doutrinária.

Tais interações doutrinárias, realizadas entre a equipe de instrução, os militares da tropa de superfície e as tripulações aéreas empregadas na *MONUSCO*, África do Sul e Ucrânia, resultaram no estabelecimento de procedimentos comuns de coordenação,

visando o apropriado emprego do fogo das aeronaves de ataque disponíveis na aérea.

A execução das instruções compreende uma parte teórica, na qual é abordada as etapas do *ECAS* e os procedimentos de coordenação. Após isso, é conduzido um exercício prático com a presença das tripulações embarcadas nas aeronaves e os comandantes de fração em solo, simulando as diversas condições possíveis de ocorrer, sobretudo em uma situação de emprego real dos meios aéreos de ataque disponíveis na *MONUSCO* em proveito das tropas de solo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil já colaborou com mais de 50 mil militares, policiais e civis para as mais de 50 operações de paz e missões similares, ao longo de quase um século de participação brasileira em missões de paz. Diversos laços históricos e culturais são critérios para a participação em operações de paz, como nas missões realizadas em Angola, Moçambique e Timor-Leste, e, mais recentemente, no Haiti e no Líbano.

Atualmente, o Brasil participa com cerca de 275 efetivos em oito operações de paz das Nações Unidas:

- UNIFIL* - Líbano;
- UNMISS* - Sudão do Sul;
- MINURSO* - Saara Ocidental;
- MINUSCA* - República Centro-Africana;
- UNAMID* - Darfur;
- UNFICYP* - Chipre;
- UNISFA* - Abyei; e
- MONUSCO* - República Democrática do



Fig 4 - Interação doutrinária com a tripulação dos meios aéreos da África do Sul e da Ucrânia.

Congo.

Na *MONUSCO*, a capacitação de tropas para o emprego tático do fogo, conduzido pela equipe brasileira de especialistas em operações na selva, tem potencializado as capacidades tanto dos capacetes azuis da *MONUSCO* quanto das tropas das FARDC. Essa atividade tem contribuído para um melhor cumprimento da missão, reduzindo a possibilidade de baixas e a ocorrência de fratricídio.

Até o ano de 2019, 142 militares das tropas da *FIB* e 350 militares das FARDC participaram da capacitação com a *JWMTT*, tendo a oportunidade de aprimorar seu adestramento em TTP relativas à reação ao contato inimigo, TAI, pedido de apoio de fogo e apoio aéreo aproximado, ampliando a capacitação de suas frações para o emprego tático do fogo nas operações em ambiente de selva.

Conclui-se que o treinamento de reação ao contato inimigo favorece as tropas na realização de operações ofensivas, gerando resultados expressivos. Assim, o correto emprego dos fundamentos de tiro, aliado à identificação positiva da ameaça e adaptado às características do ambiente de selva, como restrita visibilidade e limitados campos de tiro, exige maior coordenação entre os militares, obtendo eficiência e segurança durante as operações realizadas no interior da selva congoleza.

Pode-se afirmar, também, que o treinamento de pedido de apoio de fogo para militares de qualquer arma ou especialidade tem possibilitado o aprimoramento do adestramento do observador, potencializando o emprego do apoio de fogo orgânico das frações da *FIB*, durante as operações na selva.

Ademais, atesta-se que o treinamento

de CAS possibilitou a utilização, como referência, dos padrões do ECAS e de procedimentos de coordenação necessários a esse tipo de missão aérea, permitindo que militares não-especializados possam realizar pedido de apoio aéreo aproximado em apoio às operações militares em ambiente de selva.

Por fim, a capacitação de tropas da MONUSCO e das FARDC conduzida pela equipe brasileira de especialistas em operações na selva é mais uma atividade

que deriva do compromisso do Brasil com a paz e a segurança internacional. Tal apoio se dá em consonância com a Constituição Federal do Brasil, que prevê a defesa da paz no seu artigo 4º, inciso VI, como princípio regente das relações internacionais, bem como com a Política Nacional de Defesa, que estabelece a contribuição para a manutenção da paz e da segurança internacional como objetivo nacional de defesa.

SOBRE OS AUTORES

O Tenente-Coronel de Infantaria Adelmo de Sousa Carvalho Filho é Adjunto da 3ª Seção/CMN. Foi declarado aspirante a oficial, em 1999, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Foi o 1º Comandante da Equipe Especializada em Operações na Selva na Missão das Nações Unidas para a Estabilização da República Democrática do Congo (MONUSCO) em 2019.

O Tenente-Coronel de Infantaria Luís Fernando Tavares Ferreira é Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Foi declarado aspirante a oficial, em 2000, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Realizou o Curso Regular de Operaciones en Selva (CROS) na *Escuela de Selva del Ejército* Peruano (tavares.luis@eb.mil.br).

O Major de Infantaria Rodrigo Villela Gonçalves é Chefe da Seção de Operações na Selva do CIGS. Foi declarado aspirante a oficial, em 2007, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Foi instrutor de Operações na Selva na República Democrática do Congo (MONUSCO), em 2019 e 2020 (villela.rodrigo@eb.mil.br).

O Major de Infantaria Tiago Marques dos Santos Filho é Subcomandante do 35º Batalhão de Infantaria. Foi declarado aspirante a oficial, em 2006, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Foi instrutor de Operações na Selva na República Democrática do Congo (MONUSCO), em 2019 e 2020 (tiago.marques@eb.mil.br).

O Major de Infantaria Willen Bandeira Garrido é Oficial de operações da 16ª Brigada de Infantaria de Selva. Foi declarado aspirante a oficial, em 2002, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Foi instrutor de Operações na Selva na República Democrática do Congo (MONUSCO), em 2019 (garrido.willen@eb.mil.br).

O Capitão de Infantaria da Aeronáutica Aramys Gonzaga Santos é Chefe da Seção de Instrução de Infantaria do Curso de Formação de Oficiais de Infantaria da AFA. Foi declarado aspirante a oficial, em 2012, pela Academia da Força Aérea (AFA). Foi instrutor de Operações na Selva na República Democrática do Congo (MONUSCO), em 2019 e 2020 (aramysags@fab.mil.br).

O Primeiro Sargento de Infantaria Claudeci Carvalho Inácio é especialista em demolições do 1º DOFEsp da 3ª Cia F Esp. Foi promovido a 3º Sargento, em 2002, pela Escola de Sargentos das Armas (ESA). Realizou os cursos de Operações na Selva, em 2003, de Forças Especiais, em 2006, e em 2009, o de comandos do Exército chileno (inacio.culturama@hotmail.com).

O Segundo Sargento de Infantaria Carlos Corrêa Soares Reis é Forças Especiais especialista em armamentos. Foi promovido a 3º Sargento, em 2006, pela Escola de Sargentos das Armas (ESA). Realizou os cursos Operações na Selva, em 2009, e de Forças Especiais, em 2014. Participou do *Cambrian Patrol Exercise*, em 2017 e 2018, em Brecon Beacos, no Reino Unido.